

Triste aniversário

A despeito dos mortos estúpidamente ruidosos que meio diaz de pseudo-entusiastas fez estoirar, no intuito de mostrar ao mundo o seu republicanismo duvidoso, e embora dos cofres públicos tivesse saído muito do nosso dinheiro para pôr a militância na rua, vestida de grande gala e que atrai a multidão curiosa, apesar de todos estes escus, nunca o aniversário foi tão choco, nunca os discursos oficiais foram tão burocráticos e enfadonhos, tan emaigas de alpaca, como anteontem.

Mas como poderia o povo regozijar-se com a existência dum regime que lhe espanta os filhos na praça pública, que os encalhura nas masmorras frias, que exerce sobre eles a ditadura férrea da burguesia, dos homens do comércio e da finança, dos Pedro de Araújo—ditadura ignobil masacrada na Constituição?

Que amor poderá ter o povo trabalhador a uma república que lhe tapa a boca a tiro, quando ele reclama mais pão, que lança sobre ele vinte ou trinta mil balões da guarda republicana, quando ele, sofocado pela pata formidável dos exploradores do seu bicho, estrébucha e se revolta?

Como poderá o povo estar de acordo com uma república onde não há proteção aos doentes, onde o trabalho está escravizado, os homens públicos dão o espetáculo dos seus processos pouco licitos, as questões são resolvidas à sabada, as indústrias estão decadentes, as escolas são um mito e as liberdades constantemente ameaçadas?

Deixam-se os políticos embalar pelas suas próprias palavras enganosas do elogio ao regime que hoje a maioria da nação odeia. Quizeram ver os nossos políticos nas grandes paradas militares—elas que tanto clamaram contra o militarismo—uma manifestação do apoio popular à república. E não se lembram que o povo não pode suportar o militarismo que o espanca, que o submete, a ferro e a fogo, à escravidão revol-

tantante.

Tem sido um regime de saque de ignomínia, o que anteontem se comemorou. O povo é fundamentalmente honesto, o povo é anti-militarista. Ele odeia o regime que desbarata as riquezas da nação e o militarismo que lhe rouba os filhos, que os transforma em madragos e lhes imprime uma moral devassa.

O sr. presidente da república, que nos tempos da monarquia desejava uma república com reflexos de anarquia, sentiu-se anteontem feliz entre os elementos militares que o rodeavam. A comemoração de anteontem apenas serviu para mostrar que o regime está nas garras marciais do militarismo. Os civis eram poucos e desempenharam o triste papel de comparsas.

... Organizar por meio de conselhos técnicos de indústria, a educação individual dos trabalhadores.

... Pela prática e pelo establecimento de oficinas, centros de experiência agrícola, laboratórios, escolas, bibliotecas etc., desenvolver a responsabilidade moral, técnica, económica e social dos indivíduos, além de os preparar para uma acção de transformação social, para a posse e organização de todos os meios de produção e de troca.

... Fazer o estudo da organização económica da região pela colaboração de comum acordo de todos os grupos representando a actividade económica das localidades (completamente autónomas), associando os seus meios, os seus recursos e os seus esforços num princípio puramente federalista-libertário, não admitindo em seu seio qualquer político ou funcional.

Perante tudo isto, que resta ao povo senão desejar ardenteamente a queda da oligarquia financeira que sustenta de pé esta caricatura dolorosa do regime de Liberdade, Fraternidade e Igualdade?

Que não desanime o povo revolucionário. Mais dois negócios de 50 milhões, o exército e a polícia aumentados com mais alguns milhares de mercenários e terreros a república afogada numa onda de lama.

Depois, sobre as suas ruínas, escravos do trabalho, raiará o verdadeiro sol da Liberdade!

7-10-921 — Folhetim de A BATALHA — N.º

Romance inédito por MÁRIO DOMINGUES

AREVOLTA D'ACARNE

PRIMEIRA PARTE

Ignorância dos pais, perdição dos filhos

CAPÍTULO I

Os novos-ricos

O repusculo invadiu a saleta de costura, estabat num tom acidentado o colorido intensivo das coisas, envolvendo-as num manto nevoento, cavando abismos de sombra profunda nos recantos. Da rua solitária— aquela hora calma da tarde—não subia ruído que perturbasse a quietude habitual do bairro. Lili, junto da janela velada pelas cortinas de renda, esquecera sobre os joelhos o crochê interminável, deixando-se arrrebatar pelos sonhos lindos, impregnados daquela ansia de perfeição e de felicidade que só os dezoito anos sabem sentir.

A claridade fróxua da tarde moribunda, polvilhando a atmosfera de pó violeta, iluminava de leve o rosto da donzela, deixando admirar nos traços indecisos, vagos, uma expressão de dolorosa melancolia.

Leonor Gomes, a Lili— como afectadamente costumavam tratá-la—levava uma vida monótona, à qual o seu temperamento não se adaptava. Na sua existência, aparte certos agastos-paga, pudesse dizer:

«A filha dos Gomes leva

uma vida invejável. Os pais deram-lhe uma edu-

cacão verdadeiramente aristocrática; gastam rios

de dinheiro para trazê-la nas palminhas e han-

do casá-la, certamente, com um rapaz fino e

rico que possa merecer-lá.

O destino de Lili estava traçado pela vaidade dos pais. Subitamente guindados às alturas incomensuráveis da fortuna, desejavam ardente mente pertencer a uma estirpe superior para que ninguém suspeitasse que o Jerônimo viera de canastras à cabeça vendendo o peixe podre que a capital consome.

A guerra, que lhes trouxe a riqueza, deformou-lhes o carácter, soprou-lhes as almas pequenas, que incharam de pretensão, como beixa de porco plena de vento. Se, quando pobres, a riqueza alheia lhes provocava rancor, depois da abundância lhes ter entrado inopinadamente em casa começaram a odiar a pobreza.

O povo, a plebe que sua e gome, era o pesadelo constante dos Gomes. O seu maior desgosto seria o presentíram que o mundo lhes conhecia os antecedentes. A força de querer passar por afortunados de nascença, transmutaram-na numa caricatura rizível. Olhando-os, descobriam-se em breve os plebes travestidos de capitalistas.

Jerônimo engordara como um suino alentejano e correspondia perfeitamente à ideia que se faz do novo-rico. Teresa, certamente porque o seu temperamento de sumítica a consumia, emagrecera lamentavelmente. Ela tinha os pés grandes e comprava botas para encobrir o defeito.

Ela, que sobre a cabeça sabia apenas equilibrar

que tinha cara de fidalgo. Teresa, que admirava

o ateísmo do marido, ia todos os domingos à

mesa porque era de bom tom.

Foi com esta noção falsa da vida que os Ge-

mes delinearam a educação da Lili. Não a en-

viaram à escola para que não se confundisse

com os filhos dos pelintras. Os frutos da ciênc-

ia foram-lhe oferecidos em casa sob a rigoro-

sa censura de D. Teresa. Professoras carra-

cudas meteram à força, no cérebro da Lili, con-

sas assombrosas cuja serventia esta nunca des-

coubrir. Ensinaram-lhe botânica, mandando-a de-

corar termos complicados e inexpressivos; fiz-

eram-na resolver mecânicamente problemas de

matemática. E aqueles números e sinais abstrac-

tos bailavam-lhe no cérebro e causavam-lhe ver-

gimento. Compraram-lhe um piano para que apren-

desse a tocar o fado sentimental—delícia de

D. Teresa que, ao ouvi-lo, limpava sempre uma lágrima subtil, teimosa em assomar de súbito ao

canço do olho esquerdo.

Os estudos da Lili terminaram subitamente

por resolução energética da mãe. Um incidente

inesperado tornara D. Teresa recosa da ciênc-

ia. Começara um dia a professora de zoologia

a desvendar pouco a pouco o mistério das re-

lações sexuais entre os mamíferos, quando D.

Teresa, que nada compreendia daqueles termos

bizarros, notou que as faces de Lili se carni-

navaçam dum rubor intenso e inexplicável. Apa-

rou o ouvido e—oh santa indignação!—D. Te-

resa de Jesus (Teresa de Jesus como ela assi-

nava) calculou, mediou o crime tremendo que a

mestra estava perpetrando.

(Continua)

Quando no mês passado aque-

las trovoadas originaram inunda-

ções e desgraças, muros abatidos,

mortes, ferimentos, estragos de

toda ordem, lembrá-nos de ter dito

aqui—e os nossos leitores não o

deverem ter esquecido—que se exis-

tisse em Lisboa uma Câmara Mu-

nicipal que se interessasse pela

vida dos municípios, a maior par-

te desses desastres materiais e pes-

soais não se teriam dado.

Cafran, nessa ocasião, muros,

tapumes e chamánes, O Sindicato

União da Construção Civil, por

intermédio de «A Batalha», veiu

dar mais uma vez a quem o qui-

zesse ouvir que se as constru-

ções fossem feitas conforme aque-

les operários—que tem mais con-

sideração pela vida alheia do que

os nossos vereadores que pre-

cam a sua vida preocupados com os si-

nais cabalísticos da bandeira mu-

nicipal—recomendavam, não teria

havido tanta desgraça, e o

morador desculpado não teria re-

ceio de um dia ficar esmagado

sob as gaiolas baratas que os se-

nhorios alugam tam caro.

Mas os fiscais das construções

parece que não se contentam com

os vencimentos que a Camara

lhe dá, e todas as construções, todas

as obras a tapa, desde que o con-

strutor seja amava direita, este

estão muito bem feitas...

Não se admira que isto tenha du-

rado onze anos?

Naturalmente, o Dírio de Lis-

boa participou-nos

ha dias em grossas letras negras que os car-

teiristas desapareceram de Lisboa.

Compreendemos: os honrados banque-

ros da nossa praça foram veranear.

A caminho Devido a uma avaria,

do polo veio parar a Lisboa, terra

notável explorador polar, Shackleton.

Pois nesta terra de exploradores, ele

passou despercebido a todos—explora-

dos e exploradores. Pela simples raz-

ão que ele não vem aqui explorar nin-

guem. A sua vida cifra-se numa constante exploração do polo.

Os nossos exploradores, se um dia

nos cansarem a paciencia é provável

que nós os aconselhemos a ir explorar o polo, porque então já nos considerámos suficientemente explorados.

Tentativas Todos os dias, invari-

avelmente, os jornais anunciam em duas linhas um

ou dois suicídios.

Oitavo em quatro linhas, duas li-

nhas por suicídio, recebemos a informa-

ção de duas tentativas de suicídio.

Uma menina de 18 anos, quando com-

meava a viver, é um operário, que talvez

tem desesperado para atraí-lo para a

terra, para vir a cair anteontem ao meio dia, para comemorar o aniversá-

rio dum regime que, apesar de novo, como esse prédio também

se não pode manter de pé por muito tempo.

Esse prédio, que ainda não es-

ta terminado, ainda trazia op-

erários trabalhando lá dentro, que

se salvaram a tempo. Esse pré-

dio situado na rua Joaquim Bonifác-

A BATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federacão Metalúrgica.—Reunião administrativa e conselho federal da Federação Metalúrgica do Póvoa de Varzim, na terça-feira com reunião de todos os sindicatos querentes.

Sendo apresentado o relatório do Sindicato Unico Metalúrgico do Póvoa que pediu a instalação da Federação no sentido de providenciar sobre os sindicatos que atendem a classe neste círculo e que virão regularmente ao país, apontando aquele sindicato alguns motivos de debelar a crise na indústria e intensificar o fomento nacional.

Na sequência o acondicionamento do mês de Janeiro do próximo ano, nomeando desde já a Comissão Organizadora do Congresso composta de camaradas dos Sindicatos do Sul e Sueste e da C. G. T., visto as respectivas sedes se encontrarem próximas, permitiu do assim a aproximação permanente das discussões, e afirma que elas não são tam retrôgrados como os elementos da burguesia. Este facto comprova, inilvidavelmente, que a sociedade perfeita e avançada virá mais cedo do que se julga.

Ao saírem os ferroviários, englobam também as das colônias.

Proceder-se a seguir à chamada, faltando alguns conferencistas, um dos quais por motivo de doença.

No expediente figuram saudações de diversas entidades, entre as quais a da Federação Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles & Associação do Pessoal da Imprensa Nacional. É lido um documento de António Serracado, deputado do seu mandato como membro da comissão organizadora do congresso ferroviário, dando relação de diferentes trabalhos contas. Baikou à comissão de pareceres.

E' necessário estabelecer-se relações directas entre os ferroviários e os rurais

É lido pelo próprio relator, Mário Castelhano, um trabalho sobre a Necessidade que existe no estabelecimento de relações directas entre a Federação Ferroviária e a Federação dos Trabalhadores Rurais, sem o que, segundo o autor, se tornaria difícil qualquer transformação da sociedade de tendência expropriadora, transformação essa que traria, conseguintemente, e num certo período de tempo, é claro, uma completa desorganização de todas as fontes de produção, o que seria compensado, em parte, por uma coordenada e metódica organização rural, evitando-as assim a desmoralização do povo e, por consequência, a anulação talvez do objectivo desejado, desmoralização filha da insuficiência de alimentação que quasi sempre se segue aos referidos movimentos renovadores. Como o documento é extenso, transcreve apenas esta parte, por interessante:

Dito talvez ser ainda muito cedo para prevermos o que se responderá que a não nos preocupei com esta paupérrima questão desde já, em pouco ou não se modificará a situação geral da classe trabalhadora.

Esta a classe rural espalhada por todo o país, que é de menor densidade que a classe ferroviária. Ora como sabemos, se

esta ainda não possui a devida organização, encontra-se em piores condições aquela, principalmente no Norte e Beira. E' dever

do da classe ferroviária proporcionar aos camaradas da Federação Rural, e da Federação dos Trabalhadores Rurais, que possam desempenhar um papel de liderança.

Os camaradas rurais contribuiriam, assim, para que a sua acção em todo o país, e bem assim é dever de cada ferroviário, pelo motivo acima exposto, de se encontrarem disseminados pelo mesmo, encetarem uma intensa propaganda nas localidades que servem, e no mais primitivo dos modos, aos camaradas rurais, contribuiriam, assim, para que sejam instituídas Assoções nas variadas regiões do Norte e Beira, e até no Póvoa de Varzim, nos locais onde a classe trabalhadora.

Está a classe rural espalhada por todo o país, que é de menor densidade que a classe ferroviária. Ora como sabemos, se

esta ainda não possui a devida organização,

encontra-se em piores condições aquela, principalmente no Norte e Beira. E' dever

do da classe ferroviária proporcionar aos camaradas da Federação Rural, e da Federação dos Trabalhadores Rurais, que possam desempenhar um papel de liderança.

Os camaradas rurais contribuiriam, assim, para que a sua acção em todo o país, e bem assim é dever de cada ferroviário, pelo motivo acima exposto, de se encontrarem disseminados pelo mesmo, encetarem uma intensa propaganda nas localidades que servem, e no mais primitivo dos modos, aos camaradas rurais, contribuiriam, assim, para que sejam instituídas Assoções nas variadas regiões do Norte e Beira, e até no Póvoa de Varzim, nos locais onde a classe trabalhadora.

Nestas circunstâncias, entendo que

pela Comissão Organizadora do futuro Congresso deve ser presente ao mesmo

o estabelecimento de relações entre a Federação Ferroviária e a Federação dos Trabalhadores Rurais, devendo, a respeito, entender-se previamente com os representantes de Federação Rural, para os devidos efeitos.

Os pontos que acho devem ser tratados nessa tese são os seguintes:

1º Entendimento entre as duas Federações para o progresso e desenvolvimento em comum das duas classes;

2º Incitamento dos ferroviários para que, com a melhor boca vontade, trabalhem para a propaganda a desenvolver;

3º Estudo dos variados assuntos que interessam as duas classes;

4º União das mesmas no momento dum movimento de caráter social;

5º Estreitamento de relações entre as diferentes associações de classes dos trabalhadores rurais já estabelecidas, e as que se venham a estabelecer, e os ferroviários dos diversos serviços e estações de todas as linhas;

6º Elucidação mútua das necessidades de cada região.

Mais uma vez faço a seguinte afirmação:

O intuito destas meu alvitre é simplesmente por estar convencido que sem a devida preparação de todas as classes, mas especialmente destas duas, jamais se realizará a nossa querida aspiração: o estabelecimento dum novo sistema social, mais justo e mais humano, onde o bem estar, a instrução, a arte e até o próprio amor, não sejam privilégios dos que a todos os momentos nos esmagam...

Sofre larga discussão a tese sobre «Organização Corporativa Ferroviária»

Apreciado este trabalho, a Conferência resolve que é baixar à comissão de pareceres.

São lidos telegramas da Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa, da comitê Confederal e do Conselho de protesto contra a burla dos três tipos de pão, efectuado na capital, todos fazendo votos pelos progressos da organização ferroviária e pelos resultados profícios da Conferência.

Entra em discussão a tese Organização Corporativa Ferroviária, de Mário Castelhano.

1º A conferência responde que se leva a efeito o Congresso Ferroviário, no qual seja apresentada a tese estrutural da Federação Ferroviária, procurando-se na mesma salvaguardar os pontos de convergência e de divergência enunciados no relatório supracitado.

2º Que para mais facilmente harmonizar aquelas questões, a comissão encarregada de elaborar aquele trabalho se ponha im-

A 2.ª sessão da Conferência ferroviária

O pessoal da Companhia Carris de Ferro é considerado ferroviário? A Conferência reconhece a conveniência desse pessoal tomar parte no próximo Congresso?

legados da Carris de Braga e Póvoa. Como ainda o não fizesssem, resolveu pronunciar-se sobre o assunto, em debate. Primeiro pregunta se a comissão organizadora tem em seu poder elementos que a possam habilitar se é sua opinião de que os ferroviários das colônias podem ingressar na C. G. T.

José Joaquim de Sousa declara que é de parcer que Portugal é só um. O facto de hoje não terem os ferroviários das colonias representativas sedes se encontrarem próximas, permite do assim a aproximação permanente das discussões, e afirma que elas não são tam retrôgrados como os elementos da burguesia. Este facto comprova, inilvidavelmente, que a sociedade perfeita e avançada virá mais cedo do que se julga.

Ao saírem os ferroviários, englobam tam-

bem os das colônias.

Proceder-se a seguir à chamada, faltando alguns conferencistas, um dos quais por motivo de doença.

No expediente figuram saudações de diversas entidades, entre as quais a da Federação Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles & Associação do Pessoal da Imprensa Nacional. É lido um documento de António Serracado, deputado do seu mandato como membro da comissão organizadora do congresso ferroviário, dando relação de diferentes trabalhos contas. Baikou à comissão de pareceres.

E' necessário estabelecer-se relações directas entre os ferroviários e os rurais

É lido pelo próprio relator, Mário Castelhano, um trabalho sobre a Necessidade que existe no estabelecimento de

relações directas entre a Federação Ferroviária e a Federação dos Trabalhadores Rurais, sem o que, segundo o autor,

se tornaria difícil qualquer transformação da sociedade de tendências expropriadoras, transformação essa que traria, conseguintemente, e num certo período de tempo, é claro, uma completa desorganização de todas as fontes de produção, o que seria compensado, em parte, por uma coordenada e metódica organização rural, evitando-as assim a desmoralização do povo e, por consequência, a anulação talvez do objectivo desejado, desmoralização filha da insuficiência de alimentação que quasi sempre se segue aos referidos movimentos renovadores. Como o documento é extenso, transcreve apenas esta parte, por interessante:

Dito talvez ser ainda muito cedo para prevermos o que se responderá que a não nos preocupei com esta paupérrima questão desde já, em pouco ou não se modificará a situação geral da classe trabalhadora.

Esta a classe rural espalhada por todo o país, que é de menor densidade que a classe ferroviária. Ora como sabemos, se

esta ainda não possui a devida organização,

encontra-se em piores condições aquela, principalmente no Norte e Beira. E' dever

do da classe ferroviária proporcionar aos camaradas da Federação Rural, e da Federação dos Trabalhadores Rurais, que possam desempenhar um papel de liderança.

Os camaradas rurais contribuiriam, assim, para que a sua acção em todo o país, e bem assim é dever de cada ferroviário, pelo motivo acima exposto, de se encontrarem disseminados pelo mesmo, encetarem uma intensa propaganda nas localidades que servem, e no mais primitivo dos modos, aos camaradas rurais, contribuiriam, assim, para que sejam instituídas Assoções nas variadas regiões do Norte e Beira, e até no Póvoa de Varzim, nos locais onde a classe trabalhadora.

Nestas circunstâncias, entendo que

pela Comissão Organizadora do futuro Congresso deve ser presente ao mesmo

o estabelecimento de relações entre a Federação Ferroviária e a Federação dos Trabalhadores Rurais, devendo, a respeito, entender-se previamente com os representantes de Federação Rural, para os devidos efeitos.

Os pontos que acho devem ser tratados nessa tese são os seguintes:

1º Entendimento entre as duas Federações para o progresso e desenvolvimento em comum das duas classes;

2º Incitamento dos ferroviários para que, com a melhor boca vontade, trabalhem para a propaganda a desenvolver;

3º Estudo dos variados assuntos que interessam as duas classes;

4º União das mesmas no momento dum movimento de caráter social;

5º Estreitamento de relações entre as diferentes associações de classes dos trabalhadores rurais já estabelecidas, e as que se venham a estabelecer, e os ferroviários dos diversos serviços e estações de todas as linhas;

6º Elucidação mútua das necessidades de cada região.

Mais uma vez faço a seguinte afirmação:

O intuito destas meu alvitre é simplesmente por estar convencido que sem a

devida preparação de todas as classes,

mas especialmente destas duas, jamais se

realizará a nossa querida aspiração: o

estabelecimento dum novo sistema social,

mais justo e mais humano, onde o

bem estar, a instrução, a arte e até o

próprio amor, não sejam privilégios dos

que a todos os momentos nos esmagam...

Sofre larga discussão a tese sobre «Organização Corporativa Ferroviária»

Apreciado este trabalho, a Conferência resolve que é baixar à comissão de pareceres.

São lidos telegramas da Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa, da comitê Confederal e do Conselho de protesto contra a burla dos três tipos de pão, efectuado na capital, todos fazendo votos pelos progressos da organização ferroviária e pelos resultados profícios da Conferência.

Entra em discussão a tese Organização Corporativa Ferroviária, de Mário Castelhano.

1º A conferência responde que se leva a

a efeito o Congresso Ferroviário, no qual

seja apresentada a tese estrutural da Federação Ferroviária, procurando-se na mesma

salvaguardar os pontos de convergência e

de divergência enunciados no relatório supracitado.

2º Que para mais facilmente harmonizar

aqueles questões, a comissão encarregada

de elaborar aquele trabalho se ponha im-

ediatamente em detalhes sobre

a tese e assegura que a questão está

na sua base clara, motivo porque

os seus serviços são localizados

e que a sua classe não tem dúvida em

auxiliar a C. G. T. para a realização

daquela classe

que é de parcer que a sua classe

DE BOM HUMOR

Recordar é viver.

Hoje, quarta-feira, 5 de Outubro do ano de 1921 do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, 11.^a da República e 21.^a do século da grande guerra, fico em casa por ser feriado nacional.

São onze horas. Acabo de almoçar um assado delicioso feita de belo pão tipo segundo, marca Trigo e Aboli Ingles, condimentada com o estofo dos morteiros que assinalam o triunfo da Democracia sobre a monarquia odiosa que eu ajudei a derubar no apertado limite das minhas fracas posses, dizendo dela cobras e lagartos, no meio associativo, nas colunas dos jornais operários e de alguns republicanos.

Ingerido o almoço na companhia da família e tendo tomado o chá de Tolentino, acendi um cigarro.

E como quere que o estampido quase ininterrupto dos morteiros me obriga-se a uma digressão ao passado, puz-me a recordar aqueles tempos "ominosos" em que a grenha dos apóstolos flutuava no sol dos comícios na propaganda flamada que devia abrir-nos, mas tarde ou mais cedo, as portas da benvenuta- rance que hoje em dia disfrutamos.

Cídiados, diziam eles: - O progresso fez-se quebrando os ídolos. Só a República pode salvar-nos. A monarquia falou e logo se extinguiu, das suas corujões, dos seus crimes, dos seus visões, na infinita vergonha dos adiantamentos à casa real, cuja lista civil é uma afronta a todos nós e abuso de maior parte dos rendimentos do Estado.

E a multidão aplaudia, do auge da sua revolta e do seu delírio, uma sorte de *dilettum-tremens* de que os apóstolos sabiam tirar e tiram ainda o máxi- mo partido.

O povo, prosseguiam eles, não pode nem deve pagar mais impostos. Só nôs fôsssemos de crapula como é o actual regime da nação, nôs poderíamos ter muito bem o bacalhau a pataco o quilo, e as casas quâis de graca e tudo o mais na mesma proporção.

O povo delirava, aplaudindo, ante- roendo o belo dia do bacalhau, quâis de graca e de tudo o mais por esse prece.

Muitas palmas, muito vivôrio e lá vi- lam todos de caminhola, aplaudindo os apóstolos, abraçando-os, apertando as suas mãos, traçando-as no colo, numha confraternização niveladora nôi digna de vés-e-pôe, que, pelos indícios, devia durar sempre numa apoteose de liberdade, igualdade e fraternidade.

Recordar é viver...

Estamos a onze anos de distância da sombra e de maneira alguma pretendendo fazer o balanço comercial dos benefícios que a República nos trouxe. Cada um, lá no fôro íntimo da sua consciênci-a, que proceda a esse balanço mesmo porque as dívidas não se pagam com as tristezas nem estas podem ter cabimento no glorioso aniversário da nossa querida menina.

Deixem-na crescer, que diabol Roma e Pavia não se fizeram num dia, nem se podem nem devem esperar grandes coisas duma criança débil que ainda há pouco deixou as fraldas e os coelhos e que principia agora o estampido dos tiros e das granadas quando os seus defensores brincam às revoluções para distra-la ou consolidá-la.

J. B.

mas no fundo bem intencionada pa- lavra e pelo seu simples mas convincente exemplo.

Mil vezes preferível seria que o ex- traordinário Napoleão se transformasse num homem como o Pinheiro antes de realizar os colossais fratricídios de Austerlitz, Marengo, Waterloo, etc., muito melhor se tornaria o fanático Torquemada se os seus fatais propósitos se convertessem nas belas intenções do Pinheiro antes de ordenar o monstruoso massacre dos que não pensavam a seu modo; e como estes ajuizados muitos outros que ficaram célebres nos anais da história para horror dos vindouros.

Continua, pois, Pinheiro, na tua ale- vantada missão, e, quando um médico te chamar doido ou um outro qualquer ajuizido de exprobar escarninhamente a tua conduta, responde que és doido mas não curas a prémio, diz-lhe que és nojento mas nunca lançaste a filha nem a mulher do próximo no tremendo lo- daçal do bordé; replica-lhe que és des- testável mas jamais roubaste o povo com a vigarice comercial, nem o acuti- laste como soldado da «briosa», mante- nedor da «ordem»; continua na tua tarefa que o reino dos céus será dentro de ti e os homens da amânia abenço- ñe bão porque lhes apontaste o caminho da perfeicibilidade que talvez en- tão disseram mais do que hoje...

Júlio RODRIGUES

pró-presos por questões sociais

Comissão Central

Para assunto urgente, reúne-ho, ex- traordinariamente, pelas 21 horas, esta comissão.

Devido à importância do assunto ro- ga-se a comparecência de todos os dele- gados.

Trabalhadores: Difundir a BATA- LHA e fazer obra revolucionária.

Revoltosos

Já tem onze primaveras
A noite já vem Republica
Que, na explosão das quimeras,
Viu a luz na praça pública,
Amandado, o povo, devéras.

Onze anos passados são
Mais dia-s-hoje, a tua voz,
Extermo a exército da Nação,
Que foi um parto precoce
Que matou muita Iusus.

A criança, coitadinha,
Que nasceu bom e robusta,
Foi perdendo a saudinha
E os doutores - caso que assista-
Teu-nos-nos na espinha,

A pobre de rapérga
Que memória de memória,
Não engorda nem respiga
E, como sofre d'entr'ite,
Sé tem olhos a barriga.

Bem nascida e malnada
- Diz o povo, compungido
A vida é dura, mas o mundo
No meu sono mal do mido
Não foi essa avariada.

Senhorios e inquilinos

Mais vale prevenir do que remediar

De todas as maneiras e feitiços os se- nhorios procuram preparar o laço para elevar a sua eterna vítima, o inquilino, por um processo ainda desconhecido por muitos dos leitores de *A Batalha*.

O caso é o seguinte. O senhorio ven- de predio arrendado e no 1.^o do mês o inquilino vai, como nos meses anteriores, pagar a renda e o senhorio não sabe a quem, porque foi um inter- mediário que tratou do assunto; mas

que, há onze anos, metteria importado em dezasseis vintens, com a diferença de ser então muito melhor do que o pão fino da actualidade de que se fez a minha sobredita assôrda; melhor o azel- te; melhores os queijos e melhor o car- vão para o cozinhar.

Eu bem sei que, de maneira geral, o que nos custava então trinta e cinco vintens, como temos de trezentos e cin- centa vintens e que o pão, muito bom, que custava scientia réis o quilo, custa hoje dez tostões, em média, sendo todo

uma porcaria, e tudo o mais na proporção, in-lusivamente o bacalhau que se vende, não muito bom, a vinte e oito tostões o quilo. Mas se atendermos à elevação dos ordenados e dos salários e à depreciação do papel moeda tudo equivale à promessa dos apóstolos dos prisos que, se o ourro nacional, a prata, o co- brê e o níquel desapareceram inteira- mente de circulação, uma nota de cem mil réis, feitas bem as contas, não chega a valer quinze tostões em prata, de maneira que os apóstolos não faltaram a prometido.

E não tendo faltado, porque eles mu- to bem souberam como, quanto e a que prometeram não, merecem censuras por não terem cumprido visto que as suas promessas fôram além da expectativa, acrescentando que se todos nós fôssemos bons republicanos estaria- mos ricos a esta hora, donde se tira que o mal não é do regime mas sim de

maneira que os apóstolos não faltaram a prometido.

E logo ao jantar, que constará de feijão encarnado com mortaíza verde, para variar da sopa de tomate e por se- rem estas as cores actuais da bandeira nacional, muito embora a patriótica feijoada me tenha saído à razão de mil e duzentos réis, por cabeça, isto é, por seis mil réis, na totalidade, hei de le- vantar a minha tigela de água da parede em hora do sr. ministro da agricultura, do sr. comissário dos abastecimen- tos, do nosso bom governo, dos três po- dos pão que lhes devemos, dos ar- mazens reguladores, da barreira da vi- da e do mais que me fôr ocorrendo.

Digo-lhes isto, com a máxima fran- queza.

E logo ao jantar, que constará de feijão encarnado com mortaíza verde, para variar da sopa de tomate e por se-

rem estas as cores actuais da bandeira

nacional, muito embora a patriótica

feijoada feija me tenha saído à razão de

mil e duzentos réis, por cabeça, isto é, por

sixes mil réis, na totalidade, hei de le- vantar a minha tigela de água da parede

em hora do sr. ministro da agricultura,

do sr. comissário dos abastecimen- tos, do nosso bom governo, dos três po-

dos pão que lhes devemos, dos ar- mazens reguladores, da barreira da vi-

da e do mais que me fôr ocorrendo.

A esse brinde hei de associar as mi-

nhas duas gatas e os meus dois gatos

pela fartura de carapaus que tem sido

eu, bem assim, a família e as vizinhas, se eu tiver.

Será assim a minha manifestação de regozijo pela feliz aniversário que hoje passa pela undécima vez.

E hei de terminar com um viva à Re- pública que será correspondido pela mi- nha família, indo depois com ela para o fogu de vistas deixando os gatos em casa a manifestar-se aos pinotes com o rabo encourcado, que é assim que se manifestam quando escutam o estouro dos morteiros jubilosos nas fes- tas da menina e o estampido dos tiros e das granadas quando os seus defensores brincam às revoluções para distra- la ou consolidá-la.

Em virtude de tal resposta, o citado revisor, que é um dedicado camarada

de serviço, é que é um dedicado camarada

PELAS PRISÕES

A higiene no Limoelro e a moralidade dos seus guardas

Camarada redactor: - Passam-se fa- tos de tal forma demonstrativos da moral e higiene desta nojenta e ignobilíssima moradia que se chama Cadeia do Limoelro, que eu me permito roubar um pouco de espaço no seu jornal, para relatar um caso que hoje se passou entre os guardas da Limoelro.

O caso é o seguinte. O senhorio ven- de predio arrendado e no 1.^o do mês o inquilino vai, como nos meses anteriores, pagar a renda e o senhorio não sabe a quem, porque foi um inter- mediário que tratou do assunto; mas

que, há onze anos, metteria importado em dezasseis vintens, com a diferença de ser então muito melhor do que o pão fino da actualidade de que se fez a minha sobredita assôrda; melhor o azel- te; melhores os queijos e melhor o car- vão para o cozinhar.

Eu bem sei que, de maneira geral, o que nos custava então trinta e cinco vintens, como temos de trezentos e cin- centa vintens e que o pão, muito bom, que custava scientia réis o quilo

Sapataria S. Roque

Grandes Baixas de Preços

Botas de verniz que eram de 45\$ a	26\$00
Botas de verniz, cano de camurça, que eram de 43\$ a	25\$50
Botas de calç preto que eram de 34\$00 a	22\$00
Botas de vitela branca que eram de 25\$00 a	13\$75

Sapatos para senhora em magnifico «calé» ou pelica verniz desde 11\$00
Calçado de luxo em todos os gêneros por preços inacreditáveis.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do Diário de Notícias.

Queiroz L.
L. Trindade Coelho, 17
(antigo L. de S. Roque)

Nicolau Gomes Correia



Rua dos Faqueiros, 255 —

A grande Baixa de Calçado
a Sapataria Social Operária
Sapatos em calç-preto para senhora 11\$00
Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00
Botas calç-preto grandes saldos 21\$00
Botas calç-preto com duas solas 22\$50
Grande saldo de botas pretas para homem 17\$00
Grande saldo de botas brancas 16\$15
Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cão para homem a 23.00
Vão ver, puôs só lá se encontra Barato e Bom
18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

EMILIO TROISE

Capacidad revolucionaria de la clase obrera — Sindicato y Partido.

Custo d'este folheto, em lingua espanhola \$20, Pelo correio \$23

Pedidos acompanhados da respectiva importancia à administração de A BATALHA

COLECCÕES:

A nossa secção de livraria acaba de pôr à venda as colecções seguintes:

de

A BATALHA

1.º e 2.º ano, 4 volumes encadernados, 50\$00

de O AVANTE!

43 números \$50

de A SEMELENTEIRA

2 anos da 2.ª série \$50

4 1900

Previne os sindicatos e outros organismos operários que desejem adquirir a coleção de A Batalha que o devem fazer com a necessária brevidade a fim de reter a secção poder dispor delas para atender pedidos individuais.

As despesas de correio ficam a cargo de quem fizer a encomenda

Trabalhadores: Lede e propagais A BATALHA

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarros, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos desodorizadores.

2.º Desodoriza as senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as posses que tem de superior escutos duvidosos porque as defende de contágios perigosos.

3.º São usadas pelas pessoas edosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes sons reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, clarifica a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenta a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com elas convive evitando-o o cancro e o catarrro gastrico.

6.º Despertor do cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;

7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos dentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, servindo-as das doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diphtheria, anginas, etc.

Há conveniência em enguir o fumo**PREÇO DAS CIGARRILHAS**

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com sello VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.
Rua dos Fanqueiros, 84, l.º D.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mescias em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

Publicações sociológicas

(A) venda na Secção de Livraria de A BATALHA

Pelo correio

Adelino de Pinho. — Quem não 650 655

Adolfi Lima. — O comunismo 650 655

Afonso Schmidt. — Evangelho dos Livres 620 625

Antonelli. — A Rússia Bolchevista 1600 1610

Bastião Teles. — O estatuto dos povos 650 655

Briand. — A greve geral 650 655

Campos Lima. — O movimento operário em Portugal 650 655

Carlos Rates. — A ditadura do capital 650 655

Carvalho de Mircourt. — A mulher e a civilização 1650 1660

Cesar dos Santos. — A questão operária e o sindicalismo 650 655

Charles Albert. — O amor livre 1600 1610

Content. — Contra o conlusionismo 650 655

Delsai. — Os financeiros os políticos e a guerra 610 615

Desalais. — A Confederação do trabalho 505 508

Domingos. — O socialismo e a próxima revolução (3 vols.) 2800 2900

Emilio Costa. — Ação directa e ação legal 650 655

Elevant. — A minha defesa 610 615

Freixo. — A Russia vermelha 2650 2680

Faria Ribeiro. — Socialismo e conflito europeu 1600 1610

Griffuelles. — A ação sindicalista 650 655

Guilherme de Greef. — As leis sociológicas 1600 1615

Guyau. — Ensino dum moral sem obrigação nem sanção 1600 1615

Hamon:

A conferência da Paz e a sua obra 1600 1615

As lições da guerra mundial 1650 1675

O movimento operário na Gran-Bretanha 1650 1675

Psicologia do militar proletário 1620 1635

Psicologia do operário anarquista 1620 1635

A Crise do Socialismo 610 615

Menotti Roland. — A Russia nova 612 615

Jean Grave:

A Anarquia-Fim e meio 3650 3675

A Sociedade Futura 1600 1615

O indivíduo e a Sociedade 1600 1615

José Carlos de Sousa. — A propriedade privada 620 625

Krapotkin:

A Anarquia, sua filosofia e 650 655

A Grande Revolução 2600 2650

A moral anarquista 612 615

Sindicalismo e Parlamentarismo 602 605

Os bastidores da guerra 603 605

BARATISSIMO Calçado

de todas as qualidades

Botas de bom calf preto 24\$00

Botas de bom calf de cor 28\$00

Este calçado é sólido e elegante de forma a servir os mais exigentes

PARA NOMENCLURA

PARA HOMEM

PARA SENHORA

PARA Criança

PARA CALÇADO DE HOMEM

PARA CALÇADO DE SENHORA

PARA CALÇADO DE CRIANÇA

PARA CALÇADO DE CRIANÇA